

INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: QUESTÕES SOBRE MUDANÇA DE PARADIGMA

GARCIA, Joe – UTP
joe@sul.com.br

Área Temática: Violências e Convivência nas Escolas:
Fatores, manifestações e relações sociais no espaço.
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

Este trabalho apresenta uma contribuição teórica aos estudos sobre indisciplina e violência nas escolas. Aqui apresentamos uma análise de pesquisa que propõe uma profunda revisão nas visões e práticas de enfrentamento daqueles problemas, que nas últimas décadas se tornaram um dos principais desafios enfrentados por educadores em diferentes países, conforme sugerem pesquisas e publicações realizadas pela UNESCO (ABRAMOVAY e RUA, 2004; DEBARBIEUX e BLAYA, 2002; FURLAN, 1998). Tais problemas afetam as escolas em aspectos tais como a dinâmica das relações interpessoais entre professores e alunos e a qualidade do currículo. Neste trabalho argumentamos que os problemas de indisciplina e violência solicitam uma profunda revisão em nossas visões e práticas pedagógicas, uma mudança de paradigma em termos gestão educacional, pois colocam em questão o próprio projeto educacional afetar não somente as iniciativas e práticas dos professores, mas as finalidades mais amplas do ato educacional. Ao longo do texto desenvolvemos uma análise teórica em dois momentos. Inicialmente exploramos um conjunto de questões sobre indisciplina e violência nas escolas, tendo por referências estudos realizados por diferentes pesquisadores. Em seguida exploramos questões quanto a uma mudança de paradigma na gestão educacional. Na última parte apresentamos um conjunto de considerações finais, destacando a importância da escola redesenhar processos de formação e priorizar ações pró-ativas baseadas no desenvolvimento de visões compartilhadas, como forma de romper fragmentações usuais nas ações relacionadas a indisciplina e violência nas escolas.

Palavras-chave: Educação; Indisciplina; Violência; Mudança de Paradigma.

Introdução

Na últimas décadas os problemas de indisciplina e violência nas escolas se tornaram um dos principais desafios a preocupar educadores em diversos países, nos hemisférios norte e sul (FURLAN, 1998; GORDON, 1999; ESTRELA, 2002; DEBARBIEUX, 2007). Tais problemas vêm afetando o contexto escolar em diversos aspectos, tais como as relações interpessoais em sala de aula, e constituem um cenário atravessado por diversas questões a serem investigadas.

Neste trabalho argumentamos que indisciplina e violência representam problemas a serem pensados sob a perspectiva ampla dos processos de gestão escolar. São forças que colocam em questão o próprio projeto pedagógico da escola, na medida em conseguem afetar não somente as iniciativas e práticas dos professores, mas as finalidades mais amplas que se deseja atingir naquele espaço, em termos de aprendizagem, socialização, acesso à cultura e formação para a cidadania.

Há várias dimensões a considerar na leitura desta questão. De um lado está uma interrogação lançada por diversos educadores, preocupados com o modo como tais problemas têm se ampliado nas escolas e com as implicações que eles projetam sobre suas práticas pedagógicas. Diante dos cenários de indisciplina e violência, a escola, afinal, consegue cumprir efetivamente seu papel educativo?

Alguns teóricos têm afirmado que indisciplina e violência afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, o desdobramento do currículo, e podem transtornar nossas melhores visões e práticas educacionais (ARUM, 2005; XAVIER, 2002; AMADO, 2001; D'ANTOLA, 1989). Tais problemas, portanto, representam forças que atuam em diversas instâncias do trabalho e projeto educacional das escolas.

Mas existe uma outra leitura a realizar em relação às questões de indisciplina e violência nas escolas. Ao mesmo tempo em que podem ser pensadas como forças de resistência e fragmentação do projeto educativo, também podem ser interpretadas como elementos de uma crise a solicitar transformações em relação ao que estamos pensando e praticando nas escolas - e de modo mais amplo na sociedade, se desejarmos estender nossa análise.

Nesse sentido, indisciplina e violência iriam representar uma tensão de mudança que solicitam das escolas que aprendam a conjugar de um modo diferente o potencial dos atores, recursos e ambientes que ali se apresentam, e a desdobrar novas visões, estratégias e finalidades da própria Educação. Nesse sentido, poderíamos questionar, por exemplo, se nossas escolas estão comprometidas com uma cultura da paz. Estamos, em nossas escolas, cultivando as visões necessárias para enfrentar os principais desafios na nossa época? O currículo, afinal, está contextualizado e pode ser considerado significativo? Em sala de aula, estamos explorando as questões que atravessam sociedade contemporânea?

As questões acima fornecem uma idéia do amplo horizonte de investigação a explorar, no campo dos estudos sobre indisciplina e violência nas escolas. Neste trabalho, em

particular, apresentamos uma reflexão sobre um conjunto de análises sobre indisciplina e violência nas escolas, destacando alguns avanços necessários em termos de gestão educacional. A perspectiva aqui apresentada reflete uma percepção de que as expressões de indisciplina e violência representam desafios que solicitam uma mudança de paradigma, e não somente um conjunto de ações parciais que muitas vezes afetam a escola de tal forma a fragmentar seu papel social mais amplo.

Este texto está organizado da seguinte forma. Inicialmente refletimos sobre um conjunto de questões sobre indisciplina e violência nas escolas. Em seguida argumentamos quanto à necessidade de uma mudança de paradigma na gestão educacional. Na última parte apresentamos um conjunto de considerações finais, destacando algumas análises desdobradas neste trabalho.

Indisciplina e Violência nas Escolas

Há vários desafios no horizonte das escolas na atualidade. Alguns são mais recentes e se revelaram, por exemplo, com a implementação da reforma educacional que estamos realizando em nosso país. Outros são mais antigos, persistentes e complexos. Este é o caso dos problemas de indisciplina e violência nas escolas.

As expressões de indisciplina e violência vêm há muito tempo produzindo diversos tipos de mal estar nas escolas. Incidentes de indisciplina e violência têm sido reportados e investigados em diversos países, a ponto de serem considerados uma preocupação mundial (ESTRELA, 2002; ABRAMOVAY e RUA, 2004; DUBARBIEUX, 2007). São fontes antigas de dilemas, mas também capazes de solicitar dos educadores novas visões, teorias e práticas educacionais.

Na últimas décadas, particularmente em instituições de educação básica, tem se delineado uma tendência de diversificação e intensificação das expressões de indisciplina e violência (GORDON, 1999; ABRAMOVAY e RUA, 2004; ARUM, 2005). Além disso, tais fenômenos estariam avançando em complexidade, como se estivesse em curso algum tipo de "evolução" em suas expressões. Argumentamos, entretanto, que esse cenário precisa ser analisado não somente como um indicativo de problemas, mas particularmente como uma solicitação por transformações nas escolas.

Nas escolas estão presentes diversos sinais de uma crise. Essa crise estaria envolvendo o próprio sentido da escolarização, a autoridade dos professores, a relevância do currículo, e a

própria idéia de educação. Assim, apesar de décadas de teorização crítica sobre o currículo, por exemplo, nas escolas ainda predominam visões que afirmam práticas curriculares fechadas, centradas em percursos predeterminados de conteúdos, e nem tanto voltadas a experiências de aprendizagem significativa, contextualizada e emancipatória.

Tradicionalmente, o fundamento do trabalho pedagógico, em sala de aula, residia na autoridade intelectual formal dos professores, na sua posição hierárquica, superior, mesmo quando estavam pouco preparados para o magistério. Em complemento, as respostas sobre o que fazer em relação à indisciplina e violência nas escolas estava associado a uma perspectiva de controle e punição.

Na atualidade, ainda persiste, entre muitos educadores, a idéia de disciplina como algo que solicita processos de controle e punição, tendo em vista garantir a manutenção de um determinado estado de ordem. Ainda persiste a noção de que disciplina, por exemplo, é algo construído a partir do fortalecimento unilateral da autoridade dos professores, dos pais e das instituições de ensino, e do endurecimento das conseqüências dos atos considerados indisciplinados.

Mas tensão causada pela incidência desses problemas nas escola, tem sido acompanhada, particularmente nas últimas duas décadas, de um conjunto de pesquisas e iniciativas, particularmente em países industrializados, e novas perspectivas teóricas e práticas sociais têm sido produzidas para lidar com tais problemas.

Recentemente, os cenários de indisciplina e violência passaram a ser analisados segundo leituras sociais amplas (ARUM, 2005). Na escola, diversas análises buscam situar aqueles problemas ao contexto complexo das relações entre as diversas forças, atores sociais e aspectos que compõe a escola (AMADO, 2001).

Se indisciplina e violência representam braços de uma crise instalada na escola, precisam ser pensadas no horizonte mais amplo do que entendemos por escola e sua finalidade social. Portanto, se desejamos transformar os quadros de indisciplina e violência nas escolas, será necessário repensar conceitos, modelos e práticas sociais que tem sido exercidas. É nesse sentido que nos parece importante pensar nesse avanço como uma mudança de paradigma.

Precisamos de uma Mudança de Paradigma

O termo *paradigma* se tornou bastante usual na literatura educacional nas últimas décadas. É um conceito importante que remete ao tecido subjacente às teorias, práticas, valores e visões compartilhadas de uma comunidade científica (KUHN, 1977). A noção de mudança de paradigma se refere a uma transformação profunda em um grupo social. No processo de transição, a crise desempenha um papel fundamental. Ela é indicativo que as teorias e práticas dentro de uma comunidade, por exemplo, já não conseguem fornecer respostas satisfatórias a questões importantes. Assim, as visões até então dominantes entram em crise, e novas respostas vão buscadas em outras fontes.

Nas escolas é possível observar a utilização de estratégias de enfrentamento dos problemas de indisciplina e violência, baseados em lógicas de regulação social e repressão, pedagogicamente pouco efetivos e inconsistentes. Assim, a crítica principal a ser feita, neste cenário, deve estar voltada não somente aos procedimentos, mas sobretudo às racionalidades subjacentes às ações empreendidas nas escolas. Aqui argumentamos que as racionalidades em curso já não respondem aos desafios colocados às escolas. Nesse sentido, os cenários de indisciplina e violência nas escolas representam uma crise a indicar a necessidade de uma mudança de paradigma.

As expressões de indisciplina e violência nas escolas revelam a necessidade de uma profunda revisão em nossas teorias e práticas relacionadas a diversas questões. De um lado isso requer investigação. Entretanto, em algum momento será fundamental uma disposição para implementar novas visões, teorias e práticas. Assim, embora a urgência de desenvolver novas práticas pedagógicas diante das expressões de indisciplina e violência nas escolas, seria prioritário elaborar novas concepções que fundamentem tais ações, tendo em vista as circunstâncias e dilemas atuais com os quais as escolas estão lidando.

Em meio a esse cenário, parece sobressair a necessidade de repensar e avançar, de um modo abrangente, pressupostos e formas de ação. De fato, o que se coloca é a necessidade de uma mudança de paradigma.

Quando nos referimos a uma mudança de paradigma, temos em mente a importância de modificarmos as respostas básicas que têm sido dadas àquelas perguntas que têm sido colocadas aos educadores há séculos, tais como: O que é indisciplina? O que é violência? Quais suas causas, sentidos e implicações? Que ações empreender? Para essas mesmas 'velhas' perguntas, precisamos tecer respostas novas, que sejam capazes de sugerir diferentes

linhas de ação pedagógica, capazes de transformar cenários na escola, e originar soluções segundo novas perspectivas educacionais.

Sob a perspectiva acima, certas ações que têm sido recorrentes nas escolas, nos parecem inefetivas. Como exemplo, podemos destacar a tendência usual de investir isoladamente na capacitação dos professores, pressupondo que em suas mãos reside o eixo da solução dos problemas de indisciplina e violência na escola. A formação de professores é algo necessário para implementar uma reforma educativa e produzir inovação pedagógica na escola (NÓVOA, 1995, p. 9). Entretanto, é preciso atenção às lógicas que estarão atravessando os processos formativos, bem como as finalidades desejadas.

Argumentamos que a formação precisa estar atenta, por exemplo, a uma perspectiva de enfrentamento dos problemas de indisciplina e violência que enfatize particularmente a dimensão pró-ativa das práticas educacionais. Além disso, nos parece necessário superar a influência de abordagens comportamentalistas e o viés das estratégias comprometidas com mecanismos de controle e punição.

Um reflexo comum da persistência e sobrevivência prolongada desse tipo de abordagem nas escolas reside na ênfase usualmente colocada em procedimentos de intervenção, que apostam em soluções dirigidas por elementos externos aos próprios esforços dos estudantes, seja na forma de agentes e mecanismos de vigilância e controle da conduta, de ações punitivas pedagogicamente questionáveis e pouco efetivas, ou mesmo de soluções que exploram processos de premiação, abertos ou velados - que podem reproduzir formas sutis de diferenciação social, ou mesmo afetar o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

A propósito das estratégias de enfrentamento da violência nas escolas, há um risco de nos mantermos limitados a enfoques repressivos, ou imobilizados por concepções que afirmam aos educadores a impossibilidade da escola agir de um modo efetivamente transformador. Neste cenário, é importante destacar iniciativas tais como os programas de educação para a paz, voltados ao engajamento consciente dos diversos atores que compõe a comunidade escolar.

Tendo em vista a necessidade de transformar o tecido mais amplo e complexo que sustenta e orienta as decisões e ações sobre o que se vai fazer antes e diante do cenário de indisciplina e violência nas escolas, afirmamos a necessidade de exercermos formas mais amplas de compreensão e ação social. Mas tais mudanças de perspectiva precisam estar

refletidas nas visões e práticas de gestão educacional. Na seção a seguir exploramos essa questão.

Mudando Perspectivas de Gestão Educacional

Nesta seção exploramos um conjunto de argumentos relacionados à necessidade das escolas investirem em uma profunda mudança de perspectiva nos processos de gestão educacional, se desejam avançar no enfrentamento dos problemas relacionados à indisciplina e violência. Nesse sentido, argumentamos quanto importância de buscar-se uma mudança de paradigma, no sentido proposto por Kuhn (1977).

A complexidade que hoje assumem as expressões de indisciplina e violência nas escolas parece requerer uma perspectiva de gestão derivada de uma forma de diálogo entre os diversos atores da comunidade escolar, capaz de produzir uma visão compartilhada, que alimente e direcione esforços coletivos e oriente um conjunto de práticas a serem exercidas na escola. Mas porque investir na construção de uma visão compartilhada na escola? Em que medida isso representa um avanço em termos de gestão educacional das questões de indisciplina e violência nas escolas?

A propósito da questão acima é necessário destacar, inicialmente, que o cultivo de uma visão compartilhada é um elemento fundamental para a gestão educacional de qualquer aspecto na escola, pois torna possível e veicula um nível de articulação, entendimento e conjugação realmente capazes de fazer a diferença nas práticas educacionais. Aqui nos referimos a uma forma de tecido social, composto de pressupostos, orientações e responsabilidades. É esse tecido que deve revestir as ações empreendidas pela escola nos enfrentamentos dos problemas de indisciplina e violência. A ausência desse tecido pode fragilizar projetos de transformação, multiplicando divergências e descontinuidades, e abrir espaços para o esvaziamento das iniciativas empreendidas.

Um outro aspecto a destacar reside no avanço necessário em direção a práticas preventivas, que devem assumir um papel de predominância nas escolas. Neste caso, as escolas precisam, por exemplo, desenhar projetos de formação continuada dos seus educadores. Lidar com indisciplina e violência na atualidade requer um trabalho baseado em novas competências profissionais. Mas se os educadores precisam exercer novas forma de relacionamento e liderança no ambiente escolar, por exemplo, também precisam atuar mais

segundo um *sensu pedagógico coletivo*, contextualizado pelo projeto pedagógico das instituições onde atuam.

Através da formação torna-se mais viável pensar no deslocamento das práticas pedagógicas tradicionalmente de base interventiva, e repressivas, em direção a práticas pró-ativas. Em outros termos, os trajetos de formação precisam voltar-se ao desenvolvimento de competências profissionais que permitam aos educadores atuar sobretudo segundo linhas de ação pró-ativa, através das quais possam trabalhar o engajamento dos estudantes aos processos de ensino-aprendizagem, avançar a qualidade do currículo e portanto no desenho de experiências formativas atentas a necessidades de investir no desenvolvimento de recursos internos, que se reflitam na habilidade para resolver conflitos ou em atitudes que sustentem uma cultura de paz nas escolas.

As escolas também precisam de um novo paradigma de gestão educacional no que se refere à relação com a família. Essa relação, embora em teoria seja destacada e valorizada pelas duas partes, na prática comumente apresenta diversos limites. Tais limites resultam de diversos aspectos, tais como o baixo nível de engajamento dos pais, ou da própria forma como as escolas assumem posições pouco democráticas ao estabelecerem a si mesmas como o marco de referência da relação.

Ainda a respeito da relação escola-família, há um outro aspecto que gostaríamos de destacar. Embora muitos educadores atribuam a origem dos problemas de indisciplina e violência ao ambiente familiar, nem sempre percebem a profunda interação entre as lógicas formativas exercidas nestes dois contextos, capaz de realimentar e tornar persistente os problemas que em tese se desejam resolver.

Finalmente, é preciso destacar a importância de que as diretrizes do enfrentamento de indisciplina e violência estejam em sintonia com o projeto pedagógico da escola, e que os procedimentos adotados assumam a natureza de atos efetivamente formativos. A conjugação proposta, entretanto, não parece surgir com facilidade nas escolas. Está em jogo a capacidade da escola manter uma reflexão sobre aquilo que fundamenta suas ações diante de indisciplina e violência. Assim, o projeto pedagógico precisa refletir o amadurecimento que a escola experimenta ao se defrontar com questões de indisciplina e violência, ao mesmo tempo em que as ações empreendidas devem refletir a visão pedagógica que a escola está propondo em seu projeto, onde explicita o que entende por educar.

Considerações Finais

Nesta seção final do trabalho, reunimos algumas análises breves que reafirmam alguns argumentos desenvolvidos ao longo do texto. Mas não buscamos apresentar um quadro que sintetize todos os argumentos considerados anteriormente. Exercitamos aqui algumas escolhas, destacando apenas alguns pontos, que nos parecem particularmente fundamentais dentro do horizonte de questões exploradas.

Os desafios representados pelos eventos de indisciplina e violências nas escolas apresentam diversas implicações. Aqui argumentamos que, além de representar tensões, tais desafios nos mostram que é preciso pensar diferente para conceber práticas pedagógicas diferentes. Além disso, sugerem que precisamos conhecer em maior profundidade a dinâmica desses problemas, e sobretudo revisar e reconsiderar o próprio modo como temos concebido e interagido com eles no contexto escolar. Precisamos aprender com tais problemas a encontrar ações mais efetivas, pois eles têm algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Mas é preciso destacar que o que nos parece estar ao centro dessa discussão é a necessidade de repensarmos as próprias racionalidades que têm atravessado as perspectivas teóricas e as práticas relacionadas ao enfrentamento desses problemas nas escolas. Se indisciplina e violência representam uma crise na escola, essa crise também reflete as racionalidades que ali habitam. Nesse sentido, afirmamos que tais problemas refletem uma crise de paradigma, e portanto solicitam avanços tendo em mente essa perspectiva de mudança.

Neste trabalho analisamos um conjunto de questões sob a perspectiva de que para exercer novas formas de enfrentamento dos problemas de indisciplina e violência, devemos rever profundamente nossas perspectivas de gestão educacional. De fato, argumentamos pela necessidade de uma mudança de paradigma. Assim, exploramos a importância de exercer um enfrentamento daqueles problemas segundo uma perspectiva de gestão educacional que seja capaz de ampliar não somente o quadro dos recursos práticos a favor dos educadores, mas sobretudo de transformar culturas institucionais, de enfoques que pressupõe ações *em decorrência* da indisciplina e violência, rumo a enfoques onde as ações se desenvolvem sobretudo *em precedência* à possibilidade daqueles problemas.

Ao longo do texto, argumentamos por enfoques pró-ativos tendo em mente superar as formas assimétricas como as escolas distribuem as ações e responsabilidades relativas aos

encaminhamentos pedagógicos necessários, resultando comumente na ênfase de ações de intervenção. Além disso, sugerimos que seria fundamental avançarmos em direção a leituras sobre indisciplina e violência que superem visões e estratégias baseadas em simples controle social, que tanto esvaziam as relações pedagógicas. Nos parece mais produtivo pensar os desafios representados por indisciplina e violência como oportunidades para uma profunda revisão em nossas visões e práticas pedagógicas. Particularmente em termos de gestão educacional, seria oportuno avançar em direção a um outro paradigma.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, A. **Violências nas escolas**. 4. ed. Brasília: UNESCO, 2004.
- AMADO, J. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: ASA, 2001.
- ARUM, R. **Judging school discipline**. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- D'ANTOLA, A. (Org.). **Disciplina na escola**. E.P.U., 1989.
- DEBARBIEUX, E. **Violência nas escolas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto: 2002.
- FURLAN, A. Introduction to the open file. **Prospects**, Brussels, v. XXVIII, n. 4, December 1998. (Open File: The Control of Discipline in the Schools).
- GORDON, D. Rising to the discipline challenge. **Harvard Education Letter**, Cambridge, v. 15, n. 5, p. 1-4, Sept./Oct. 1999.
- KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- NÓVOA, A. Nota de apresentação. In: NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 9-12.
- XAVIER, M. L. (Org.). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.